

JOÃO ROBERTO MARTINS FILHO

O planeta Clausewitz

REFERÊNCIA: STRACHAN, Hew. **Sobre a guerra de Clausewitz: uma biografia.** [*Carl von Clausewitz's on war: a biography*]. Trad. De Maria Luisa X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, 231p.

Clausewitz chegou lá. Nesta coleção, publicada originalmente em língua inglesa pela *Atlantic Monthly Press* e, no Brasil, pela Jorge Zahar com o título *Livros que Mudaram o Mundo, Da Guerra* aparece ao lado da *Bíblia* e do *Alcorão*, com os quais compartilha a vocação para a controvérsia. No estudo de Hew Strachan, o fio condutor é justamente a abertura que a obra de Clausewitz sempre mostrou para as mais diversas interpretações. Strachan é professor de história da guerra na Universidade de Oxford e um dos mais respeitados estudiosos do tema na Europa de hoje.

Como *Da guerra* subiu ao panteão dos heróis intelectuais do século XXI? Afinal, há quarenta anos, quando a Editora Abril publicou no Brasil a coleção *Os Pensadores*, emulando empreendimento pioneiro da Enciclopédia Britâ-

nica, o general prussiano não mereceu um lugar ao sol, derrotado por concorrentes entre os quais há alguns de quem ninguém mais se lembra hoje.

Como explica o próprio Strachan, o caminho que levou Clausewitz à quase unanimidade atual teve sua origem em 1976, quando foram publicados nos E.U.A. e na França, respectivamente, duas obras seminais sobre o maior pensador da guerra (*Clausewitz and the State*, de Peter Paret, e *Penser la guerre, Clausewitz* de Raymond Aron – este último com versão em português pela editora da UNB). No mesmo ano, saía a nova tradução de *Da guerra*, de autoria de Michael Howard e do mesmo Paret.

Como mostra Strachan, esse renascimento clausewtziano esteve ligado ao novo interesse provocado pelo fenômeno da guerra, no contexto da ameaça nuclear da Guerra Fria e,

João Roberto Martins Filho: Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos e Vice-Presidente da Associação Internacional de Ciência Política

mais especificamente, da derrota dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã, num quadro em que o general alemão passou a ser lido numa chave liberal e democrática, inaugurada no pós-guerra pelo estudo, em quatro volumes, *A espada e o cetro* (1954-68), do professor alemão Gerhard Ritter.

Na verdade, Clausewitz parece predestinado a ser redescoberto a cada vez que uma guerra de grandes proporções ou uma mudança em seu caráter coloca a questão da natureza dessa antiquíssima atividade humana. Assim, entre o fim da Guerra Franco-Prussiana e o início da Grande Guerra, a obra foi lida, tanto na Alemanha como na França, na esteira do impacto da vitória alemã de 1870-1, que deu ao exército de Moltke e Bismarck o lugar de melhor máquina bélica da época. Para os herdeiros de Frederico, o Grande, Clausewitz foi lido nessa fase como partidário da guerra total e do ataque decisivo. Para os herdeiros de Napoleão (o verdadeiro, não a cópia derrotada em 1871), interessava saber quem era o teórico por trás de um exército capaz de derrotá-los.

Depois da catástrofe da Grande Guerra, a associação entre Clausewitz e o exército prussiano permitiu que Basil Liddell Hart lançasse a excomunhão que marcou Clausewitz no mundo ocidental até meados dos anos 1970. Para o estudioso inglês, *Da guer-*

ra foi a bíblia do militarismo alemão e Clausewitz o culpado oculto pela carnificina de 1914-8, o que parecia se confirmar pelo entusiasmo de Hitler e de pensadores nazistas pela obra.

Hoje sabemos que os maiores críticos de Hitler no exército alemão, entre os quais o mais famoso foi o general Beck, foram buscar justamente em Clausewitz as armas intelectuais para criticar a militarização da política que aterrorizou o mundo depois de 1939 e levaria a Alemanha mais uma vez ao desastre. Pena que o general tenha se suicidado, em julho de 1944 (Strachan afirma erroneamente que ele foi executado), após a descoberta do complô mais conhecido como Operação Valquíria, do qual ele foi o mentor intelectual (embora a geração atual seja levada a pensar que o líder foi Tom Cruise).

O mérito maior da obra de Strachan é justamente trazer para o primeiro plano as múltiplas leituras de *Da guerra* desde sua primeira publicação, em 1832, por iniciativa de sua mulher, Marie. Para voltarmos a 1976, na interpretação de Raymond Aron, no processo de redação de *Da guerra*, o general prussiano descobriu somente no final de sua vida os fundamentos de sua catedral teórica. Para Peter Paret, há uma evolução linear nas reflexões de Clausewitz, de seus textos de juventude a seus textos maduros. A ideia da ruptu-

ra seria retomada depois por um orientando de Paret, Azar Gat, que, no monumental *A history of military thinking*, leu *Da Guerra* na chave de Raymond Aron. Em contraste, Liddell Hart – ele próprio convertido ao charme de Clausewitz depois da Segunda Guerra – encontrou nos anos 1990 seguidores de peso, como Martin van Creveld e Mary Kaldor, que, em suas obras, propuseram o abandono de Clausewitz. O debate continua. Hew Strachan e Andreas Herberg-Rothe publicaram há pouco a coletânea *Clausewitz in the twenty-first century* (Oxford, 2007). O historiador naval Jon Sumida trouxe à luz *Decoding Clausewitz* (Kansas, 2008).

Para Strachan, para escapar à liberdade de interpretação predominante é preciso entender Clausewitz por meio da leitura do conjunto de sua obra e não apenas de seu livro mais famoso. Outro aporte original de Strachan é a ideia de que o mundo ocidental não tem lido exatamente *Da guerra*, mas a tradução já citada de Paret e Howard. Para ele, a edição da Princeton University Press tem problemas sérios, como a escolha tanto de *policy* como *politics* para *Politik* e o uso do termo “operações”, que não apareceria no original alemão.

De um modo ou de outro, o livro aqui resenhado é introdução atual, excelente e erudita a Clausewitz. Vale a pena lê-lo. Mas deixo uma sugestão:

leiam antes o próprio *Da Guerra*, começando pelo livro oitavo e passando depois para o livro primeiro, como recomenda Raymond Aron. Afinal, na língua portuguesa não temos pelo menos um dos problemas apontados por Strachan. Aqui, o termo alemão *Politik* e os dois termos em inglês usados na tradução mencionada têm um só equivalente: *política*. Podemos fruir assim, sem dificuldades adicionais, o maior livro publicado até hoje sobre o fenômeno da guerra. Bendita língua portuguesa!